

ATUAÇÃO DOCENTE: NA TEORIA E NA PRÁTICA

Zuleica Aparecida CABRAL*
Djane Antonucci CORREA**

RESUMO

É inegável que vivemos em um mundo com avanços tecnológicos cada vez mais significativos que necessitam de discussão e compreensão por parte de professores. Nesse norte, esse trabalho é um recorte de uma pesquisa maior em andamento e objetiva introduzir estudos e discussões sobre a ação reflexiva na prática de sala de aula. Os dados selecionados foram gerados com base em uma pesquisa qualitativa sob a ótica da pesquisa-ação BARBIER (2007); THOLLENT (2007) e FLICK (2010) e se dá por meio de grupos de discussão realizados no Laboratório de estudo de texto – LET/UEPG os quais resultam em relatos autobiográficos escritos em blogs criados pelos professores participantes. Tais dados estão sendo registrados no Arquivo de textos autobiográficos – ATA/UEPG (Protocolo (FUP) n.º 18985). Os aportes teóricos que abarcam esse diálogo pautam-se em MORAN (2007); SCHON (2000) e PIMENTA (2006). Os resultados dessas discussões, encaminham-se para posteriores projetos específicos a serem desenvolvidos dentro da escola a partir das diretrizes apontadas pelos participantes com o intuito de que sirvam como instrumento de ensino/aprendizagem que possam efetivar práticas dinâmicas e que auxiliem os professores no trabalho diário. Nesse processo, constrói-se um ensino reflexivo conforme Schön (2000), baseado no processo de reflexão na ação.

Palavras-Chave: Linguagem; Prática Docente; Ação Reflexiva.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o recorte de uma pesquisa maior em andamento, intitulada “Reconfigurações tecnológicas na escola: a linguagem digital na visão dos professores”. Nesse norte, os dados aqui expostos fazem parte da terceira etapa da pesquisa que visava a grupos de discussão com os participantes da pesquisa após a inserção de linguagem digital em sua prática de sala de aula. Sendo que os participantes dessa investigação são dois professores de uma escola particular no interior no Paraná.

Os grupos de discussão tinham como questionamento maior “como os professores se sentem utilizando tecnologias digitais como prática social em sala de aula?” Por meio das discussões houve a possibilidade de uma reflexão crítica mais detida acerca dos

*Universidade Estadual de Ponta Grossa

E-mail: zucabral@yahoo.com.br

**Universidade Estadual de Ponta Grossa

táculos e facilidades desse trabalho com as tecnologias de informação e comunicação. Os participantes puderam apresentar seus pontos mais relevantes na discussão, dentre os quais os professores categorizaram como pontos positivos e também os pontos negativos.

A seguir apresentam-se as escolhas teóricas que abalizaram a análise, em um primeiro momento, com vistas a refletir sobre o letramento digital, em uma sociedade tecnologicizada, com mudanças socioculturais, talvez nunca vista anteriormente, devido à velocidade de informações. E todo esse processo, também faz parte do universo escolar.

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

O mundo vive em acelerado desenvolvimento graças aos avanços da tecnologia dentre outros fatores e a escola faz parte deste desafio. Dessa forma, uma das funções da escola é contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania incorporando novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas. Diante deste quadro de mudanças, faz-se necessário e urgente um aprendizado diferenciado sobre como usar e aproveitar no ambiente escolar tanta tecnologia disponível. Entretanto, para evitar o uso ingênuo dessas tecnologias, é fundamental conhecer novas formas de aprender e de ensinar e ao mesmo tempo produzir, comunicar e representar conhecimentos, facilitados por tais recursos a fim de favorecer a democracia e a integração social. Pereira (2007) assinala que:

Precisamos dominar a tecnologia da informação; estou me referindo aos computadores, softwares, internet, correio eletrônico, serviços, etc., que vão além de aprender a digitar, conhecer o significado de cada tecla ou usar o mouse. Precisamos dominar a tecnologia para que, além de buscarmos informação, sejamos capazes de extrair conhecimento. (PEREIRA, 2007, p. 17)

Alguns anos atrás se ouviam rumores de que o computador substituiria professor e que questões relacionadas ao ensino-aprendizagem seriam resolvidas por meio da tecnologia. Quando as primeiras salas de informática começaram a surgir nas escolas, utilizá-las só era possível acompanhado do professor de informática. Desse modo, os conteúdos trabalhados na informática dificilmente faziam ligação com as disciplinas do currículo da escola.

No entanto, o alarme e o medo inicial cederam espaço para pesquisas no campo da tecnologia e, por conseguinte, as tecnologias digitais, mesmo que de modo tímido, vem

se firmando no ambiente escolar. No Estado do Paraná existe o projeto “Paraná Digital”, no qual apresenta a inclusão sócio-digital nas escolas da Rede pública de Educação Básica a partir de 2003. O projeto configura uma realidade por meio da ampliação da rede de inovações tecnológicas, que se efetiva em um trabalho que segue a política Educacional do estado, objetivando a melhoria na qualidade de educação para todos. Segundo o projeto:

Teve como meta atingir mais de 2100 estabelecimentos de ensino, localizados nos 399 municípios do Paraná, atendendo um universo de 1,5 milhão de estudantes matriculados no ensino público estadual, cerca de 51 mil professores, funcionários do SEED e 32 Núcleos Regionais de Educação (NREs), visando o acesso ao Portal Educacional Dia a dia Educação e sua difusão.(Paraná Digital, 2010, p. 11)

Além da meta de conectar Escolas da Rede Estadual ao portal, o projeto investiu pesadamente na expansão da conectividade em todo o Paraná e na obtenção de inovações tecnológicas. Espera-se que diante do investimento e da expansão tecnológica, os professores do quadro se incorporassem ao processo de produção do Paraná Digital e que os laboratórios de informática fossem incorporados no ambiente escolar como mais um espaço pedagógico. Convém ainda destacar que o projeto tinha como um dos objetivos estratégicos em relação a conteúdos e material didático, a continuidade e fortalecimento da política pública de inclusão digital, segundo a filosofia do software livre.

Segundo Libânio (2000) a escola tem um papel insubstituível quando se trata de preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade moderna. Isto mostra o papel relevante da escola frente ao compromisso de conscientizar cidadãos para o uso de novas tecnologias, a fim de que utilizem de modo crítico e criativo os aparatos tecnológicos e não apenas como meros consumidores passivos.

Discutir como a tecnologia digital é complementar à prática pedagógica e como os resultados de sua utilização podem possibilitar melhorias na qualidade do processo de ensino e aprendizagem parece ser uma das bases para repensar o novo perfil do educador. Esse professor reconstruído na era tecnológica deveria estar letrado digitalmente, isto é, apropriar-se de tecnologias digitais proporcionando o diálogo entre diferentes linguagens para assim transformar a maneira de expressar o pensamento bem como se comunicar, dando-lhe novos significados e funções. Moran (2007) destaca que se alunos forem excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual, do acesso à informação variada e disponível *on-line* a educação não fica completa. Nas palavras do

referido autor “Escolas não conectadas são escolas incompletas”. Nesse sentido, é por meio da linguagem que a inserção das tecnologias se dá, e essa linguagem é uma prática social presente no cotidiano das instituições e de cada pessoa na sociedade. Conforme afirma Marcuschi (2004):

A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas que são adaptáveis às mais diversas mudanças de comportamento além de responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano. As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo [...] (MARCUSCHI 2004, p. 7)

Ao trazer a realidade do aluno para sala de aula, espera-se que haja maior interesse e participação, portanto, acredita-se que tal interesse será alcançado utilizando as tecnologias digitais. Segundo Carvalho (2008, p.26) “o professor deve se aproximar das mídias para poder alcançar os seus alunos, uma vez que é no fruto dessa interação que se enriquecem os ambientes de aprendizagem, tornando-os mais atrativos e fazendo do aprender algo agradável”. Soma-se a esse fato a fartura de informações na rede e contribui notadamente para que o sujeito desenvolva rapidamente essa competência de autoaprendizagem. O acesso à informação é a primeira condição para a aprendizagem, e nessa discussão pode-se perceber a internet pródiga em dados. Moran assevera que:

Pela primeira vez na história, percebemos que a educação não acontece só durante um período determinado de tempo, maior ou menor (educação básica, superior), mas ao longo da vida de todos os cidadãos e em todos os espaços. A educação não acontece só no espaço oficial, na escola e na universidade. Todas as organizações e instituições aprendem cada vez com mais intensidade e ininterruptamente. Essa percepção da urgência da aprendizagem de todos os tempos todo é nova. (MORAN, 2007, p. 15)

Os jovens na sociedade atual aparentam ter muito mais habilidades com as tecnologias em relação aos professores, no entanto é perceptível que esses alunos não possuem maturidade para discernir entre o que é bom ou ruim diante de tanta informação disponível nos meios tecnológicos. Para tanto, é emergente adotar uma nova postura diante do ato de ensinar, uma vez que é inegável que o papel do professor é trazer ao aluno informações e conhecimento construído sócio historicamente. Todavia, não basta apenas repassá-los mecanicamente aos alunos, já que o papel da escola é permitir a apropriação crítica, criativa, que tenha significado e seja duradoura fazendo sentido para o mesmo.

Nesse aspecto, cabe ressaltar a essência da atividade de ensino como um processo de mediação. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador entre o sujeito e

o objeto do conhecimento que estão disponíveis na sociedade. A integração entre tecnologias linguagem e educação tem papel preponderante na formação de indivíduos mais bem qualificados para o convívio e atuação na sociedade, conscientes de seus compromissos com as transformações de seu contexto, a valorização humana e a expressão da criatividade.

Muito embora haja percalços a serem superados, com a inserção da linguagem digital em sala de aula o professor pode oferecer ao aluno inúmeras outras possibilidades de discussão, análise, reflexão, interpretação, leitura, uma vez que há maior facilidade em trocar ideias, oportunizando estar imerso na cultura da aldeia global¹ e do mundo interconectado utilizando as ferramentas da web 2.0 como: *e-mails*, *blogs*, fórum de discussão, *googledocs* dentre tantos outros, acerca das temáticas abordadas em sala de aula em tempo real².

Paulo Freire (2011) já discutia na Pedagogia da autonomia a necessidade de ser e de saber do educando. Além de enfatizar a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para escola, uma vez que é um sujeito social e histórico, e assim o sendo há a necessidade de formar cidadãos críticos e não treinar os alunos nas suas destrezas. Moran (2004) concorda com Freire ao afirmar que é importante educar para a autonomia, para que cada indivíduo encontre seu próprio ritmo de aprendizagem, de modo que se eduque para a cooperação, para aprender em grupo, intercambiar ideias, participar de projetos e realizar pesquisas em conjunto.

Nessa perspectiva, com a utilização do computador no processo de ensino/aprendizagem, o aluno passa de mero sujeito passivo, expectador da aula para um sujeito ativo, ora protagonista, ora coadjuvante do aprendizado. Do mesmo modo, o professor passa de mero transmissor do conhecimento para mediador, construtor do conhecimento juntamente com os estudantes. Cabe ressaltar, nas palavras de Moran (2004, p. 3) que “a internet nos ajuda, mas ela sozinha não dá conta da complexidade do

¹O termo “aldeia global” é muito utilizado como referência à globalização, a uma nova visão de mundo e às comunidades conectadas entre si, através de avançadas tecnologias de comunicação e transporte. O termo foi criado na década de 60, pelo professor de Comunicações da Universidade de Toronto, Herbert Marshall McLuhan. Em seus estudos, McLuhan considera que a informação trocada de forma virtual e eletrônica permite superar distâncias geográficas e permitir trabalhos remotos entre pessoas, empresas e governos. A aldeia global e seu potencial comunicativo desfragmentam espacialmente as sociedades, o que permite que um acontecimento ocorrido numa região do planeta afete a opinião pública em outro continente distante.

<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/VisoesdaaldeiaglobaldeMacluhannofuturoproximo.html>

²Em agosto de 2012 a revista Exame.com exibiu uma reportagem com as 10 tecnologias que revolucionarão a educação. O texto está disponível em: http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

aprender da roda de estudo em grupo da leitura, do estudo em campo com experiências reais”. Isso porque nada opera sozinho e a tecnologia não garante a aprendizagem e não opera mudança na Educação porque depende de um conjunto de fatores.

Não quer isso dizer, entretanto, que não haja realidades diferentes em cada contexto escolar, também há barreiras culturais que impendem mudanças, além da falta de formação para equipes pedagógicas para orientar e instigar o uso pedagógico de tecnologias. Isso sem contar ainda com as dificuldades individuais de uso de equipamentos e das TICs em relação à Educação e a falta de articulação efetiva entre os setores educacionais bem como a falta de manutenção de equipamentos e pronto atendimento as demandas de problemas a serem resolvidos nos laboratórios.

Sendo assim, o computador sozinho não garante uma aprendizagem eficiente, ele serve apenas como uma ferramenta que auxilia na aprendizagem, facilitando o trabalho do professor. Haja vista que quem controla a máquina é o professor, portanto o computador está para servir ao processo de aprendizagem e não o contrário. O uso dessa tecnologia ressalta o tipo de educador que faz uso dele otimizando seu tempo em sala de aula bem como sua produção, provocando o crescimento e aprofundamento de novos deste profissional.

Como se depreende, a tecnologia presente na educação pode reforçar o que o educador elabora para suas aulas. Por meio do acesso à internet tanto professor como aluno pode ter acesso aos inúmeros tipos de linguagens e tantos outros benefícios proporcionados pelo uso da rede mundial de computadores. Cabe ao professor selecionar³ o que é adequado e pode ser utilizado em sala de aula para enriquecer sua prática diária, levando em consideração a realidade da sala de aula que se apresenta. Para tanto, é de ser relevado que os profissionais da educação saibam e conheçam como utilizar o computador de modo apropriado para auxiliar na educação desta geração ligada às Tecnologias de Comunicação e Informação.

Nesse trabalho tenciona-se dialogar com professores acerca de suas experiências em sala de aula e em outros espaços que integrem tecnologias e linguagens, enfocando a

³Segundo reportagem “Como fazer uma boa busca na internet” da Revista Nova Escola online, de abril de 2005 uma das sinalizações de pesquisa é: Assinatura Observando o endereço da página, é possível ter uma ideia da credibilidade do conteúdo. As extensões .gov (governamentais), .org (instituições sem fins lucrativos) e .edu (universidades, fora do Brasil) são mais indicadas. A extensão .com, que é a mais comum, abriga de tudo - muita bobagem, mas também sites de jornais e revistas. "É importante observar ainda quem é o responsável pela página. Para conhecê-lo, procure o link quem somos", afirma o jornalista Marcelo Soares, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>

contribuição de seus conhecimentos que experienciam um olhar integrador entre linguagem, tecnologia, educação, propósitos, nos quais se envolvem os alunos, motivo maior para tais compreensões e usos. Busca-se assim, identificar as contribuições da linguagem digital bem como das tecnologias de acordo com suas propriedades intrínsecas a fim de redimensionar as práticas a partir da inserção dela nas práticas sociais, inserção por sinal irreversível e, assim, dilatar o olhar para englobar diferentes sistemas de conhecimento e de significados, modos diferentes de sentir, pensar, compreender, agir, interpretar e conceber o mundo, a vida e a si mesmo.

Há que se reencontrem outros sentidos interativos e integrador da educação, que levem a repensar a necessidade de professores tomarem consciência de que o uso de tecnologias pode permitir o redimensionamento dos espaços de ensinar e aprender, entreendo a produção do conhecimento, as novas práticas da escola, a necessidade da formação continuada, visando atender as mudanças da sociedade atual, (re) construindo desse modo o valor do saber. Por mais que:

Vivemos o paradoxo de manter algo em que já não acreditamos completamente, mas não nos atrevemos a incorporar plenamente novas propostas pedagógicas e gerenciais, mais adequadas à sociedade da informação e do conhecimento, para onde estamos caminhando rapidamente. (MORAN, 2007, p. 16)

Feitas essas considerações, acredita-se que a escola tem, entre muitas, a função de educar para que os cidadãos se tornem críticos e conscientes em suas escolhas, para isso é necessário que escola e professores se conscientizem da importância de se entender a linguagem como prática social não excluindo o trabalho com tecnologias digitais de sua prática diária, pois é reconstruindo e ressignificando os saberes que educadores irão construir junto com os educandos o conhecimento necessário para suas vidas. Muito embora como Moran (2007) preleciona que estamos diante de uma tarefa imensa, histórica e que levará décadas, uma vez que a proposta de implementar e avaliar as novas formas de organização de ensino/aprendizagem em todos os níveis é bastante complexa.

LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE

Partindo do pressuposto que a inserção no processo de tecnologias digitais é imutável ante um mundo globalizado em expansão, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua, sustenta Freitas (2010). A revolução tecnológica abriu espaço para fortes discussões de como o poder da internet se tornou veículo de globalização. Letramento digital então, segundo Coscarelli; Ribeiro (2011, p. 9) “é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. E assim, compreende-se que letramento digital é muito mais que aprender a digitar em um computador.

Diante disso, o mais recente desafio pedagógico que se instaura entre os educadores é letrar digitalmente docentes em atuação e usar o universo digital com uma nova geração de estudantes que estão crescendo e vivenciando as novas tecnologias de informação e comunicação. Xavier (2002, p. 1) assevera que “Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos tais formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital”. E segue afirmando que:

[...] um conjunto de informações e habilidades mentais devem ser trabalhados com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, 2002, p.1)

Em vista disso, compreende-se letramento digital neste trabalho como uma nova prática de inserção das tecnologias digitais em sala de aula a fim de que tais tecnologias estejam presentes na escola propiciando aos alunos outras fontes de informações diversas, e de acordo com cada realidade sociocultural, talvez facilitando e simplificando o trabalho cotidiano do professor, inovando na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica, interativa e próxima das diversas práticas sociais.

É preciso que professores também se apropriem dessa linguagem para assim explorar juntamente com seus alunos as várias possibilidades deste novo ambiente de aprendizagem. Não é mais possível ficar fora desse contexto, deste mundo virtual que os alunos dominam. Mas cabe ao professor direcionar as aulas, aproveitando o que a internet pode oferecer de melhor.

Diante da nossa sociedade digital, o professor necessita em sala de aula muito mais que dispor de um laboratório de informática, computadores ligados à internet e

cursos básicos de informática educativa. Faz-se necessário que professores insiram o computador e a internet em suas práticas de sala de aula, transformando-a de maneira a contribuir com a inserção dos alunos nesse universo cibernético de modo produtivo e de um uso eficiente e não vazio, ou seja, usar as ferramentas digitais de forma coerente com a realidade a que se vive, atrelada às práticas sociais. Freitas (2010) assevera que:

Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar. Quando digo integrar é porque o que se quer não é o abandono das práticas já existentes, que são produtivas e necessárias, mas que a elas se acrescente o novo. Precisamos, portanto, de professores e alunos que sejam letrados digitais, isto é, professores e alunos que se apropriam crítica e criativamente da tecnologia, dando-lhe significados e funções, em vez de consumi-la passivamente. O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental. (FREITAS, 2010, P. 340)

Nesse sentido, compreende-se que no mundo globalizado e tecnológico é papel da escola desenvolver novas formas de ensinar e aprender, aliando práticas há muito sedimentadas às novas tecnologias. Pode-se perceber que hoje se está diante de novos saberes, que o sujeito hoje fragmentado e disperso circula por inúmeros lugares e, por conseguinte, em lugares que também dispõem de um saber. Freitas (2010) ressalta que:

Portanto, a escola está deixando de ser o único lugar da legitimação do saber, o que se constitui em um enorme desafio para o sistema educativo. Diante desse desafio, muitas vezes os docentes adotam uma posição defensiva e às vezes até negativa, no que se refere às mídias e às tecnologias digitais, como se pudessem deter seu impacto e afirmar o lugar da escola e o seu como detentores do saber. (FREITAS, 2010, p. 341)

Sendo assim, percebe-se a necessidade de aproximação dos docentes ao mundo digital, não o afastamento, buscando então uma compreensão desse universo tecnológico e como se passa, dispendo-se a trabalhar com essas novas tecnologias na sua prática docente, para compreender o letramento digital como uma possibilidade de modernização o ensino. No entanto, aliar as novas tecnologias na sala de aula, parece estar distante de ser uma realidade. Dado o fato que os alunos já vão à escola, munidos de informação, devido as suas navegações na internet, esse aluno vem aberto à discussão com colegas e professores. Nesse aspecto Xavier (2008), assinala que o docente deveria utilizar o potencial pedagógico das novas tecnologias computacionais a fim de aumentar a capacidade de aprendizagem dos alunos.

Destaca-se então que o professor já não é visto mais como fonte principal de conhecimento, no entanto ele passa a ser um orientador nessas discussões. Em virtude disso que se ratifica a importância do professor conhecer, saber usar e aliar as tecnologias digitais às aulas, pois além de se mostrar inteirado do universo cibernético, passa a ter um aliado rico de informações que é a internet. Por isso, esse professor deveria estar sempre aberto e atento a possíveis mudanças no paradigma educacional frente a sociedade informacional.

O PROFESSOR E A REFLEXÃO CRÍTICA

Compreender o fazer humano não é tarefa fácil, principalmente em uma instituição como a escola que detém o poder e tem a responsabilidade de passar conhecimento.

É neste sentido que o conhecimento nos toca no mais íntimo de nosso ser, apesar de ser algo que não depende desta intimidade pessoal, mas da relação intrínseca com as coisas. Somos modificados pelos sonhos que temos quando somos capazes de redimensioná-los diante de novas situações. As feridas se abrem na ausência dos sonhos, na ausência da utopia; as cicatrizes são as marcas desta ausência. Nada substitui o sonho senão a nossa capacidade de sonhar, e nada termina esta capacidade revolucionária, a não ser a desistência própria. Numa época de crise como a nossa, o caminho da busca de um tempo possível que não está presente é uma necessidade impulsionadora de nossa afirmação enquanto humanidade em construção. O conhecimento é real porque toca a possibilidade de uma proximidade daquilo que está distante. Os limites do conhecimento são limites de nossas habilidades criativas, não da infinidade da realidade. Por isso, ele é busca permanente que possibilita, ao longo de toda trajetória, o descortínio de nosso próprio ser no horizonte do mundo. (GHEDIN, 2006, p. 141)

Sendo assim, o ato reflexivo é uma atividade que requer mudança, uma ação efetiva no interior da sociedade, se não for desse modo pode tornar-se apenas uma atividade alienante. Nesse sentido que Ghedin (2006) afirma que se a reflexão não se tornar uma ação política que transforme a própria prática, ela passa a não ter sentido no horizonte da educação. O ato de conhecer passa a ser uma habilidade que se instaura no processo dinâmico que é a prática diária, a experiência adquirida e a percepção de que as mudanças acontecem já que construir conhecimento é um processo.

Estabelecer sentido para o fazer emana a medida que se constrói os horizontes e os objetivos de um fazer. Para isso é preciso desvendar a intimidade do eu-professor, por meio de perguntas e respostas que se faz para “nós”, sujeitos em busca de conhecimento na tentativa de compreensão do mundo, e, por conseguinte, em busca de se autoconhecer.

Nesse norte, pode-se dizer que não há conhecimento acabado, assim como não o professor absoluto, a vida completa. Tudo passa a ser um processo de (re) construção e autoconstrução. O professor reflexivo é aquele que olha o que faz, reflete sobre os sentidos e significados da sua ação, da sua prática diária valendo-se disso também como um conhecer a si mesmo, compreender seu próprio eu. Assim sendo, o professor reflexivo poderá comprometer-se com um fazer engajado, preocupado com a transformação da sociedade, imbuído em auxiliar a construção de cidadãos críticos e conscientes de quem são e para que são e assim formar mentes reflexivas que estejam abertas para inovação e não para a alienação diante do mundo.

Educar, diante deste horizonte, é ter a coragem de romper consigo mesmo para poder instaurar uma nova compreensão da ação e dela imprimir uma nova ação reflexiva, tornando possível a ampliação do poder de autodeterminação. Somente desta maneira poderemos possibilitar a construção da cidadania responsável, tornando possível a democracia participativa e a negação da democracia deliberativa. (GHEDIN, 2006, p. 148)

Professores precisam estar preparados para lidar com situações de conflito, seja em sala de aula, seja consigo mesmo, aprender a lidar com as situações de incertezas, de singularidade e caos. Afinal, a sala de aula não é o lugar onde tudo se finda, nada está pronto e os sujeitos envolvidos não são homogêneos. É também na sala de aula que acontece diálogo para a construção do conhecimento, e como conhecer não tem manual pré-estabelecido com normas e regras a se seguir, sendo assim necessita-se avançar e retroceder, distinguir os enganos, reconhecer as limitações como professor e reconhecer as limitações dos alunos. “As pessoas que têm pontos de vista conflitantes prestam atenção a fatos diferentes e têm compreensões diferentes dos fatos que observam” (SCHÖN, 2000, p. 16). Nesse sentido é com tatear no escuro o caminho a seguir, no entanto com comprometimento e cuidado para que a construção desse conhecimento esteja alicerçada em bases sólidas.

Schön (2000) destaca que o professor leve em conta o conhecimento prévio do aluno no processo da sua própria aprendizagem enquanto ela ocorre. Para tanto, o mesmo autor defende três ideias sobre a reflexão. A primeira versa sobre o “conhecimento da ação” que diz respeito ao saber escolar que é mobilizado na prática profissional, seria então o conhecimento que permite a ação.

Num segundo momento destaca a “reflexão na ação”, a qual faz considerações sobre as reflexões do profissional, ou seja, o modo como este transita em sua prática. Um pensamento crítico que pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação. Afinal, Schön (2000) já afirmava que é impossível aprender sem ficar confuso.

Nesse sentido, faz-se necessário, como professor que essa confusão para aprender também acontece com o aluno e isso se faz necessário para a apropriação do conhecimento. O professor reflexivo precisa valorizar esses conflitos tanto dos alunos como os seus próprios, levando em consideração que esses conflitos são pontos positivos para a compreensão do conhecimento.

Por último, o autor destaca a “reflexão sobre a reflexão na ação”. Olhar de modo retrospectivo e refletir na reflexão da ação e adotar novos sentidos. Enquanto profissionais da Educação, é mister refletir sobre as ações tomadas e a partir delas propor outros rumos para o trabalho. Essas reflexões somente terão validade se a mudança se efetivar no trabalho em sala de aula.

Todavia a necessidade de uma nova proposta lembra Pimenta (2006):

Fundamenta-se no fato de que um profissional assim formado não consegue dar respostas às situações que emergem no dia a dia profissional, porque estes ultrapassam os conhecimentos elaborados da ciência, e as repostas técnicas que esta poderia oferecer ainda não estão formuladas. (PIMENTA, 2006, p. 19)

Para John Dewey citado por Schön (2000), o professor ciente da sua ação prática, sem refletir sobre ela, condena os alunos a uma visão unilateral e ausente da crítica na prática social. Refletir sobre a prática docente seria abrir espaço para realidades outras, seja das mais viáveis às mais distantes.

ANÁLISE DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Participante 1:

Para o participante 1 percebe-se como a tecnologia é um ramo do saber, nesse sentido existe a necessidade de pesquisar, tentar usar, compreender, extrair conhecimentos de uma gama imensa de TICs presentes no dia a dia. No entanto esse não é um trabalho simples, como se nota nas palavras do professor

Participar da pesquisa foi um grande desafio, pois meu conhecimento sobre a linguagem digital era e ainda é mínima, mas pelo menos bateu a curiosidade e a tentativa da busca por um pouco mais de conhecimento, as leituras que fiz neste período ajudaram a descobrir muitas tecnologias que não sabia existir

O participante enfatiza que foi um desafio inserir-se no universo digital, muito embora o trabalho tenha ajudado a descobrir tecnologias que desconhecia. Fica evidente que as inquietações iniciais cederam espaço para muitas outras, o que considero pertinente, uma vez que isso gerou o interesse de o professor querer pesquisar mais.

Dentro do universo da sala de aula esse processo de inserção de linguagem digital instaurou reflexões relevantes segundo o participante 1, o que é possível observar nos seguinte excerto:

Quanto ao trabalho em si acho muito interessante pois a possibilidade de ter acesso visual e textos referente ao assunto da aula tem uma grande valia, dentro da minha área de atuação que é a biologia, fala-se muito mas também é necessário o contato visual do assunto. Uma aula de biologia fica mais proveitosa se o aluno tiver a possibilidade de tocar ou visualizar o conteúdo ou parte dele pelo menos. Seria mais fácil e eficiente se todos os alunos tivessem acesso livre ao uso dos recursos que a internet oferece, mas também os professores tem que buscar conhecer essa possibilidade de uso didático, fazer o caminho com mão única não vai gerar resultados bons.

Quando o participante enfatiza que o trabalho a ser desenvolvido apenas pelo professor ou, quem sabe, apenas pelo aluno pode não gerar bons resultados, percebe-se a reflexão na ação proposta por Schön (2000). É um processo que exige mudanças não apenas por parte do professor, mas também da Instituição enquanto escola como ambiente de construção do conhecimento, ações efetivas no interior da sociedade. É de ser relevado que fazemos parte de um sistema que funciona em conjunto.

Ghedin (2006) aponta sobre os limites do conhecimento que são limites de “nossas habilidades criativas”. Portanto, como o professor apontou a busca pelas possibilidades didáticas dependem de o professor romper com os limites do ser professor para o descortínio de horizontes inovadores atrelados as TICs em sala de aula.

Importante destacar que o participante compreende que esse é um trabalho coletivo, que requer um diálogo maior entre todas as esferas do sistema chamado Educação.

Mas essa busca deve ser tanto a Escola como instituição provedora dos recursos, quanto do Professor e alunos como disseminadores e usuários desses recursos, estiverem sintonizados falando e utilizando-os com pleno conhecimento e responsabilidade seria um grande avanço na educação.

Nesse vértice Ghedin (2006) afirma que romper consigo mesmo e imprimir uma nova compreensão da ação é um modo de “possibilitar a construção a cidadania responsável” e participativa.

Foi possível observar também que o participante 1 refletiu criticamente acerca do trabalho consciente com linguagem digital, sem excessos e muito menos sem objetivos pré-estabelecidos. Por que Como Braga (2005) aponta, depende de nós como pesquisadores e professores saber ponderar sobre os usos positivos e negativos com as tecnologias. E isso é claramente exposto pelo participante quando afirma:

Acredito que dentro de tudo o que podemos ter como recurso pedagógico tem que considerar até onde e quanto usar esse recurso, acho importante utilizar, mas também temos que tomar cuidado com os excessos que podem ser prejudiciais, o uso incorreto sem conhecimento pode fazer tanto mal quanto bem. Por isso que, na minha opinião, os professores e a escola devem receber primeiro instruções de uso mas também ter o conhecimento ampliado a respeito do uso da linguagem digital na sala de aula, uma aula em que não se tem conhecimento do que se está fazendo é ou pode tornar-se mais prejudicial do que interessante.

O professor reflexivo, segundo Schön (2000), precisa saber valorizar os conflitos, primeiros os seus próprios para então poder colaborar com os conflitos em sala de aula. Nesse sentido, o professor apontou que o primeiro conflito são os recursos, capacitações que precisam acontecer. Depois passa a ser trabalho de pesquisa do professor e reflexão sobre as possibilidades de trabalho a fim de se ter resultados profícuos. Bem como lembra Pimenta (2006) as respostas técnicas talvez ainda não estejam formuladas. Sendo assim, respostas não seria um termo apropriado, e sim construções de um processo que requer atenção, reflexão e mudanças singulares e coletivas.

É no diálogo entre professor e aluno que se inicia a prática reflexiva segundo Schön (2000). As palavras e ações do professor, a colaboração e integração dos alunos com trabalho em linguagem digital com o participante 1 apontam para prática reflexiva do professor sobre a receptividade das tecnologias pelos alunos. Isso é notado nos seguintes fragmentos:

Com relação a receptividade dos alunos acho que a grande maioria gostou muito da possibilidade do uso do computador como meio de ensino. Se bem que na primeira tentativa do uso observei que alguns alunos ficaram um pouco desconfiados, mas nas tentativas seguintes a grande maioria se adaptou bem com a ideia e até acabava ajudando quando eu sentia dificuldades em encontrar atalhos e etc. A maioria das vezes que usamos o computador percebi a facilidade que esta geração tem em lidar com as novas tecnologias, enquanto nós ficamos com medo de apertar um botão e por tudo a perder, eles lidam muito bem mexem e descobrindo a função e a utilidade de cada tecla.

Mais um ponto a se relevar nesse excerto é que toda a reflexão leva em consideração o saber do aluno. Isso é percebido quando o professor assume suas dificuldades com o uso das tecnologias, no entanto aceita que os alunos o auxiliem. Schön (2000) já destaca que o trabalho comunicativo do diálogo no processo de ensino e aprendizagem depende da vontade de professor e aluno ceder e reconhecer seus papéis. Professor e aluno dialogam de modo a manter o controle sobre o trabalho, potencializando a construção conjunta de conhecimento. Essa mudança de postura em relação ao aprendizado, na visão do professor se faz necessária como se observa em suas palavras.

Como é fácil nós professores ficarmos em uma atitude de comodidade achando que o que eu sei é suficiente para ensinar, mas descobri que se for mais fundo nessa história está na hora de aprender como trabalhar com essa nova geração de alunos que estamos recebendo, que tem acesso a todas as formas de tecnologia e sabe usá-la.

É certo que o participante 1 assumiu o desafio e refletiu sobre o processo de inserção de linguagem digital em todo seu abarcamento. Porém, convém destacar que esse trabalho requer apoio de todo um sistema localizado e globalizado. Pimenta (2006) apresenta que a prática reflexiva não é estanque é unilateral uma vez que existe um contexto escolar que detém a estruturação do sistema. De um lado as finalidades da escola são de preparar para a vida, por outro lado, segundo a autora, o trabalho docente e a vida da escola se estruturam e negam esta finalidade. E nesse paradoxo, os professores resistem às pressões sociais e institucionais e atribuem as suas perspectivas aos problemas internos da sala de aula. O grande desafio são os “processos contínuos de descoberta e de transformações das diferenças de nossas práticas cotidianas”.

Participante 2:

O processo reflexivo instaurado no grupo de discussão parece ter sido alcançado também com o participante 2 de acordo com suas palavras “A ideia e possibilidade de inserir computadores portáteis às aulas ampliou o horizonte de ambos os lados: docentes e discentes”. Pois como o professor afirma já ser usuário do computador e suas vantagens há longos anos, esse conhecimento ter vindo para a sala de aula, certamente ampliaria os horizontes do aprendizado. Como Libânio (2006) coloca, é o trabalho do professor que ajuda o aluno a desenvolver na atividade intelectual e qual é o sentido desse trabalho para o aluno.

O participante 2 destaca que houve resistência dos alunos em relação ao trabalho como se verifica em suas palavras:

Houve dificuldade de convencer os alunos que poderiam levar seus computadores portáteis para a escola. Depois de convencidos, alguns começaram a levar. Estes alunos convivem com computadores e passam diversas horas ao dia usufruindo das maravilhas que o mundo digital e a internet disponibiliza eles.

A relutância por parte dos alunos pode estar atrelada ao grupo social a que faz parte a escola e o professor. Por mais que o professor utilize as tecnologias digitais em seu cotidiano, conforme afirmou a participante 2, para os alunos pareceu surpresa. Além de destacar que a instituição escola também não disponibiliza esse trabalho escola, caso

contrário os alunos seriam talvez mais receptivos. Paiva e Soares (2010) já apontam que a apropriação da identidade pelo indivíduo está situada num espaço em que se está inserida. O participante destaca que os alunos estão inseridos, mas essa inserção não acontece na sala de aula, na escola. Sendo assim, as práticas sociais parecem existir de maneiras desencontradas.

Extraír conhecimento por meio do uso das Tecnologias digitais é um desafio que pode ser vencido como se observa nas palavras do participante: As produções de roteiro para rádio ganharam nova velocidade. Ficaram mais ágeis. A gama de assuntos foi ampliada, saindo do conhecimento pessoal e indo em direção às informações disponíveis na rede, com discussão permanente acerca de sua veracidade. Usar as TICs em sala de aula, sempre dialogando com os alunos, discutindo a legitimidade de tanta informação pareceu uma maneira bastante relevante de evitar o uso ingênuo dessas tecnologias de forma a potencializar o processo de ensino e aprendizagem, levando os alunos a perceberem as TICs como mais uma linguagem pertinente a ser utilizada para a construção do conhecimento. E como explica Mesquita (2008) esse é um novo cenário que obriga o contexto educacional a reconhecer sua importância e reflexão para contribuição para uma abordagem construcionista e inovadora.

Xavier (2008) aponta que “toda tecnologia é um produto social” e se constitui e se institui por decisão dos agentes sociais. Governo, escola, docentes, alunos, pais são agentes sociais instituídos de poder na sociedade. Desse modo os avanços tecnológicos em seu abarcamento social e cultural podem adentrar o contexto escolar a fim de apresentar vantagens por meio de uma experimentação criativa. Pode-se notar essa experimentação positiva quando o professor diz

Com o passar dos meses os alunos começaram a associar aulas e computadores. As aulas parecem ser mais atraentes e os temas escolhidos, pesquisados e redigidos através de informações e ideias da internet são mais consistentes e criativos. Estão mais próximos de textos profissionais em algumas situações.

É notável como o trabalho bem direcionado pode parecer bastante positivo. No entanto, para vencer os desafios, professor e aluno estavam em discussão e a reflexão do participante sobre sua ação lhe rendeu um trabalho proveitoso com seus alunos usando o computador como linguagem como ressalta Silveira (2003). O computador foi mais proposta de trabalho, sempre apresentado com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e capaz de se comunicar abertamente.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao propor grupos de discussão para refletir acerca da inserção de linguagem digital em sala de aula pelo foco da pesquisa qualitativa a fim de introduzir estudos e discussões sobre a ação reflexiva na prática de sala de aula, acredito que ainda estamos distantes de ter considerações finais. Além, evidentemente, que o trabalho apresentado é um recorte de uma pesquisa maior em andamento.

Muito embora ainda existam muitos percalços a serem superados para a utilização das tecnologias digitais em sala de aula, a linguagem digital parece fornecer mais subsídios para a prática docente em tempo real conforme se verificou com a participante 2. Assim como Paulo Freire já preconizava a pedagogia da autonomia para que os alunos discutissem e buscassem informações para a construção do conhecimento, tendo o professor como mediador nesse processo.

Vale lembrar que o uso das tecnologias e sala de aula não supera e resolve todos os problemas do complexo contexto escolar, haja vista um conjunto de fatores a serem considerados. No entanto, nesse processo de uso de tecnologias na prática docente, quem controla a máquina é o professor, com intuito de potencializar a produção buscando um conhecimento mais aprofundado fornecido pelas TICs. Desse modo, amenizaria um pouco das tantas limitações, uma vez que o processo de inserção é irreversível em uma sociedade tecnologizada.

Ser letrado digitalmente significa aprender um novo tipo de discurso, como sustenta Freitas (2010) e é ratificado na experiência do participante 1. Além disso, os participantes compreenderam que é um desafio o uso das TICs na prática de sala de aula e que isso pressupõe mudanças nas práticas letradas. O diálogo entre professor e aluno precisa ser reconhecido como prática em suas limitações e compreensão de modo que assim, não se estabeleçam apenas regras a serem seguidas e, sim, quem sabe, retrocessos e avanços para tatear caminhos para a construção do conhecimento.

TEACHING PRACTICE: THE THEORY AND PRACTICE

ABSTRACT

It is undeniable that we live in a world with increasingly technological advances that require significant discussion and understanding on the part of teachers. In the north, this work is a major part of a research in progress and aims to introduce studies and discussions on the practice of reflexive action in the classroom. The selected data were generated based on a qualitative study from the perspective of action research

BARBIER (2007); THILLEN (2007) and FLICK (2010) and takes place by means of focus groups conducted in the laboratory study text - LET / UEPG which result in autobiographical writings in blogs created by the participating teachers. These data are being recorded in the Archives of autobiographical texts - ATA / UEPG (Protocol (FUP) n. ° n ° 18 985). The theoretical frameworks that embrace this dialogue are guided in OTONNI (1998), Schon (2000) and Pepper (2006). The results of these discussions are heading for further specific projects to be developed within the school based on the guidelines outlined by the participants with the aim of serving as a teaching / learning practices that can carry dynamic and to assist teachers in their daily work . In this process, construct a reflective teaching as Schon (2000), based on the process of reflection in action.

Key-words: Language; Teaching Practice; Reflective Action.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise Bértoli. *Hipertexto: questões de produção e leitura*. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 756-761, 2005.

CARVALHO, Ana Amélia A. *Manual de Ferramentas da Web 2.0 para professores*. Editor Ministério da Educação, Direção geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Diretora Geral da DGIDC- Joana Brocardo, 2008.

COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Maria Tereza. *Letramento digital e formação de professores*. V. 26, n.03, p. 335-352, 2010.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução Joice Elias Costa. 3. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. p. 129-150.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2000

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. p 53-80.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertexto e Gêneros Digitais: Novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MESQUITA, Maria Suely de Andrade. *Letramento digital e educação à distância*. 2008. Disponível em: <http://gehate.uepb.edu.br/trabalhos2008/mai/6.pdf> Acesso em 14 fev. 2012.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas – São Paulo: Papyrus, 2007.

MORAN, José Manuel. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 15ª ed., SP: Papyrus, 2009, p.22-24.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa; SOARES, Maria Elias. Preconceito e identidade linguística : crenças de estudantes de um curso de educação a distância. In: RIBEIRO, A. E. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. P. 137-147.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e sociedade de informação. In. COSCARELLI, Carla & RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e escrita de um conceito*. 4ª Ed.– São Paulo: Cortez, 2006. p 17-52.

SILVEIRA, Luciana Martha. *O computador como ferramenta e como linguagem na intervenção artística*. Educação e Tecnologia, Curitiba, n. 6, p.111-116, 01 maio 2003. Disponível em: <http://www.ppgte.cefetpr.br/revista/vol6/artigos/art07vol06.pdf> acesso em 13 de março de 2012.

SCHÔN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução. Roberto Cataldo Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009. XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Letramento digital em ensino*. 2002. Disponível em: <http://www.ufpe/nehete/atigo.htm>. Acesso em: 02 fev. 2012.

XAVIER, Antônio Carlos. Identidade docente na era do letramento digital: aspectos técnicos, éticos e estéticos. *Anais eletrônicos 2º simpósio de Hipertexto e tecnologias na Educação*: Universidade Federal de Pernambuco: 1ª Edição, 2008

SITES PESQUISADOS

Paraná Digital: acesso dia 31 de julho de 2012
http://www.gestaoescolar.diadia.pr.gov/arquivos/file/pdf/parana_digital.pdf

Revista Exame: Acesso agosto de 2012

http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/10-tecnologias-que-revolucionarao-a-educacao?goback=.gde_2517812_member_143564224&page=1

Revista Nova Escola: acesso em agosto de 2012.

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/como-fazer-boa-busca-internet-423567.shtml>